


LUTO E PATRIMÔNIO SENSÍVEL: ESTUDOS DE CASO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NA ARGENTINA E NO BRASIL

 <https://doi.org/10.56238/arev7n3-103>

Data de submissão: 12/02/2025

Data de publicação: 12/03/2025

Michel Kobelinski
Karina Ramacciotti

RESUMO

INTRODUÇÃO: A pandemia da Covid-19 causou impactos sanitários, sociais e econômicos, deixando rastros profundos no imaginário coletivo e na forma como as sociedades ao redor do mundo vivenciaram o luto e preservaram suas memórias. Muitas pessoas recorreram aos diários da pandemia, registrando suas experiências, medos e angústias. Essas escritas compartilhadas tornaram ferramentas poderosas para expressar emoções, processar perdas e criar registros históricos únicos dessa crise global.

Palavras-chave: Luto coletivo. Patrimônio sensível. Pandemia de COVID-19.

1 INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 causou impactos sanitários, sociais e econômicos, deixando rastros profundos no imaginário coletivo e na forma como as sociedades ao redor do mundo vivenciaram o luto e preservaram suas memórias. Muitas pessoas recorreram aos diários da pandemia, registrando suas experiências, medos e angústias. Essas escritas compartilhadas tornaram ferramentas poderosas para expressar emoções, processar perdas e criar registros históricos únicos dessa crise global.

Memoriais públicos – permanentes e temporários - emergiram como extensões desses esforços individualizados e compartilhados, decorrentes da perda de mobilidade, funcionando como espaços de manifestação, reequilíbrio emocional e sensação de liberdade. Eles também cultivaram a esperança de que o horror do contágio, a fragilidade do corpo e o medo da morte terminariam. As novas simbologias a eles atribuídas ajudaram as pessoas a lidar com as perdas humanas, aliviando parte da dor e da angústia, mas também despertando sentimento de revolta ao conectarem histórias pessoais aos marcos sociais da pandemia. A crise generalizada expôs as desigualdades estruturais que permeiam as sociedades contemporâneas, evidenciando como ideias, saberes e práticas relacionadas aos cuidados com a saúde, à memória e à contestação das ações governamentais foram apropriados e interpretados.

Em Buenos Aires, o governo do presidente Alberto Fernández foi questionado pela forma “displicente” como combateu a pandemia, uma vez que os dados apresentados foram alarmantes (Reuters, 2022). Além disso, o presidente foi pressionado pela população e pela justiça por impor decretos de isolamento enquanto promovia encontros sociais na Quinta de Olivos sem usar máscara, não cumprindo os próprios decretos que havia assinado, como o Isolamento Social, Preventivo e Obrigatório.

Na *Marcha das Pedras*, os portenhos homenagearam seus entes queridos que morreram em decorrência da doença e protestaram contra a gestão do Presidente Alberto Fernández. Fig. 1 A manifestação pública da dor e do sofrimento foi convocada através das redes sociais em 16 de agosto de 2021, contando com a participação de centenas de argentinos. Eles carregavam faixas com mensagens de apoio e solidariedade às famílias dos afetados pela pandemia e pedras com os nomes dos entes queridos falecidos, depositando-as junto ao Monumento Equestre ao General Manuel Belgrano. O *Projeto de Lei Monumento La Marcha de Las Piedras* definiu que as pedras ficariam na Praça de Maio, sendo protegidas pelo Patrimônio Cultural da Cidade Autônoma de Buenos Aires, “nos termos previstos na Lei N°1.227, art. 4º, inc. b”. Em Mar del Plata, por exemplo, foi realizada uma comovente homenagem às vítimas da Covid-19, com a fixação de 504 bandeiras na Praia de Bristol,

para chamar a atenção para o crescente número de casos e mortes causados pela pandemia (Voa News, 2020).

A ideia do deputado Emmanuel Ferrario (PRO) de realocar e construir um memorial às vítimas da Covid-19 no Parque Florentino Ameghino, onde funcionava o antigo Cemitério Sud, que abrigou as vítimas das epidemias de cólera e febre amarela, entre 1867 e 1872, enfrentou forte resistência dos moradores do bairro Parque Patrícios, que argumentam que a obra afetaria o valor histórico e arqueológico daquele lugar. Fig.2 e 3. A justificativa desse projeto girava em torno da revitalização da zona Sul de Buenos Aires, cuja característica é concentrar atividades ligadas à saúde. Para os moradores, o lugar que era um cemitério e não deveria ser alterado, em respeito à memória dos 15 mil mortos ali sepultados.

Neste capítulo, adotamos os pressupostos conceituais e metodológicos da história pública, da história oral e das histórias conectadas para analisar situações emblemáticas e sensíveis na Argentina e no Brasil, durante e após a pandemia.¹ Nosso objetivo é compreender como práticas memoriais relacionadas ao luto, aos cuidados de enfermagem foram mobilizados, conectando experiências locais a dinâmicas globais, destacando, de forma concisa, algumas implicações de natureza política, psicossocial e cultural.

O memorial *Marcha das Pedras* se tornou um espaço de ativismo, unindo práticas de enlutamento, direito à memória, liberdade e justiça social. Enquanto isso, o isolamento comunitário nos bairros Villa Azul e Villa Itatí (maio, 2020) revelou as profundas desigualdades estruturais que dificultaram a adoção de medidas básicas de prevenção à Covid-19, como a falta de água potável e condições habitacionais precárias. A articulação entre agentes comunitários e equipes de saúde revelou desafios significativos, como a resistência local e a necessidade de adaptar as recomendações sanitárias às realidades regionais, enquanto expôs a dualidade na percepção das forças de segurança, vistas por alguns como proteção e por outros como violência estatal. Esses aspectos, ainda hoje, reforçam a urgência de políticas públicas sensíveis às especificidades comunitárias e territoriais.

O estudo pós-pandêmico *Memoriales Públicos Contemporáneos: Sentimientos Públicos de Duelo a Partir del Covid-19 en Plaza de Mayo* analisa os impactos da *Marcha das Pedras*, em Buenos Aires. A pesquisa, ressalta a transformação do espaço público em um lugar de memória coletiva, onde convergem práticas emocionais, culturais e político-performáticas, envolvendo tanto turistas quanto residentes.

¹ Com base em Subrahmanyam (2016), analisamos os fluxos transnacionais entre Brasil e Argentina, destacando como memórias, patrimônios sensíveis, crises e as violências associadas à pandemia de Covid-19 influenciaram dinâmicas culturais e políticas em diferentes contextos e temporalidades.

No Sul do Brasil, a pesquisa de opinião pública *Meu Coração Polonês*, realizada durante a pandemia, explora as conexões entre passado e presente ao abordar as memórias da epidemia de tifo em Cruz Machado-PR, em 1911, e a pandemia de Covid-19. As narrativas comunitárias destacaram o impacto desigual das crises sanitárias em populações vulneráveis, a relevância dos cuidados com a saúde pública e a necessidade de preservar enlaces históricos, sociais e linguísticos.

Os casos investigados evidenciam a complexidade das dinâmicas de circulação e apropriação de saberes e práticas relacionadas à saúde, as negligências do Estado e o papel do ativismo memorial, ressaltando como as experiências locais se articulam com dinâmicas globais. Nesse contexto, memoriais públicos, novas formas de vivenciar o luto e os cuidados com a saúde durante e após a pandemia surgem como expressões de interação cultural e histórica em escala global.

Diante disso, este capítulo explora como parte das comunidades portenha, “conurbana” e brasileira vivenciam e expressam o luto nesse período. Investigamos de que maneira os públicos abrangidos pelas pesquisas utilizam memoriais públicos, práticas de ativismo e narrativas pessoais para simbolizar a ausência e a presença dos entes queridos, refletindo dimensões pessoais, sociais, políticas, culturais e emocionais. Examinamos como essas práticas interagem com as desigualdades estruturais, expondo tensões relacionadas à saúde pública, à memória coletiva e à contestação das ações governamentais. Essas questões são centrais para compreender a interseção entre luto, ativismo e resistência, bem como para analisar de que maneira as experiências locais dialogam com dinâmicas globais em contextos de crise.

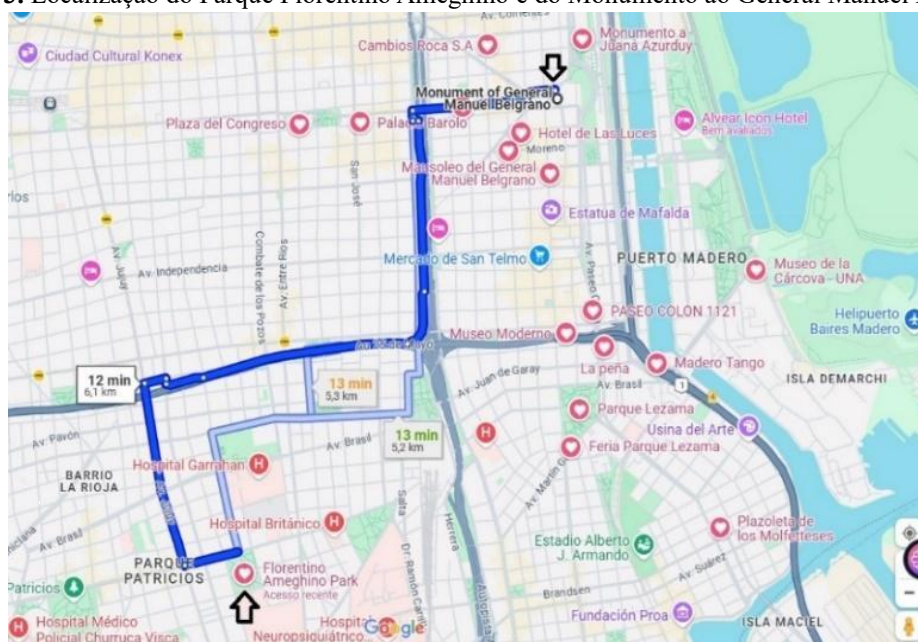
Figura 1. Marcha de las Piedras na Plaza de Mayo, 4 de setembro de 2021. ©Roberto Fiadone, disponível sob a licença Creative Commons Attribution-Share Alike 4.0



Figura 2. Parque Florentino Ameghino, © Michel Kobelinski, 2023.



Figura 3. Localização do Parque Florentino Ameghino e do Monumento ao General Manuel Belgrano.



Fonte: ©Google Maps, 2023.

2 RAZÕES PÉTREAS, EMOÇÕES VOLÁTEIS

As práticas da história pública são fundamentais para aprofundar as sensibilidades políticas e os sentimentos públicos de luto na história recente da Argentina e do Brasil. Em primeiro lugar, os monumentos e memoriais são exemplos de história para as audiências, simplesmente porque o passado transparece neles como realidade discursiva e visual. Ao mesmo tempo, estes marcos provocam tanto a contemplação quanto a manifestação pública sobre eles. Em segundo lugar, eles podem ser considerados como “artefatos-imagens” cingidos por práticas sociais, valores ou vontade

de memória, sentimentos e reflexões, as quais, na maioria das vezes, tornam-se compreensíveis, significativas e públicas em determinada cultura histórica (Santhiago Júnior, 2021, p. 94; Riegl, 2014).

Opostamente, entre os séculos XVIII e XIX, essa “vontade de memória” esbarrava nas críticas à profusão de estátuas nos espaços públicos. Nesse deslocamento do caráter sacro para o pessoal e público, o passado evocado em torno de memoriais e estátuas se relacionava ao fortalecimento dos ideais de identidade nacional, liderados pelo pensamento historicista e suas influências na história, literatura, arte e a arquitetura (Lowenthal, 1985; Santhiago Júnior, 2021).

Os memoriais e as estátuas não possuem significados intrínsecos. Eles são atribuídos pelas práticas sociais, isto é, por aqueles que os interpretam e se manifestam através de rituais e comemorações ou ainda através de protestos. Suas origens remontam às sociedades do *Antigo Regime*, onde era um privilégio dos santos e dos reis e, portanto, tinham um caráter sagrado. Entretanto, a prática monumental que foi introduzida na América Latina veio da época de sua ascensão e maior popularização na Europa. Isto significa que ela nasceu de uma prática na qual a efigie pública já havia sido estendida a indivíduos que não eram considerados sagrados, “sujeitos cujos mérito foi pessoal (não herdado) e leigo (não canonizado)”, como explica Agulhon (1994, p. 125)

A pandemia da Covid-19 desencadeou reflexões e protestos permeados por intensa dor e sofrimento, agravados pela impossibilidade de despedidas dos falecidos, o que deu origem a uma forma inédita de ativismo, simultaneamente memorial e patrimonial. A *Marcha das Pedras*, vinculada ao monumento histórico do General Manuel Belgrano – símbolo da história e da identidade nacional – expressou sensibilidades profundamente conectadas aos antigos levantes populares, articulando luto, memória pública e contestação política. Deste modo, os impactos devastadores da pandemia se estenderam para além da saúde física e adentram o domínio psicológico, social e cultural.

As medidas necessárias de isolamento e quarentena, embora fundamentais para controlar a disseminação do vírus, resultaram em uma experiência de luto atípica e particularmente traumática para muitas pessoas. A impossibilidade de realizar rituais de despedida, como velórios e enterros tradicionais, devido às restrições de contato social e aglomerações, exacerbou o processo de luto e resultou em manifestações das mais variadas ordens em todo o mundo. Esses rituais, individuais ou públicos, têm uma função terapêutica e são fundamentais para o início do processo de cura física e emocional.

Na Argentina, a gestão da crise sanitária e as festas clandestinas, envolvendo o Presidente Alberto Fernández e o Ministro da Economia, Sergio Massa, durante o período de confinamento, tornaram-se foco de críticas contundentes na Plaza de Maio e na Quinta dos Olivos, quando já se

contavam mais de 100 mil mortos. Na Marcha das Pedras, deflagrada em 16 de agosto de 2021, os portenhos homenagearam seus entes queridos e protestaram contra a gestão governamental com mensagens de solidariedade às famílias afetadas pela pandemia e pedras com os nomes dos falecidos, depositadas no Monumento Equestre ao General Manuel Belgrano, no pátio da Casa Rosada.

A pandemia evidenciou e ampliou desigualdades existentes, gerando protestos e reflexões sobre como diferentes sociedades e governos lidaram com a crise sanitária, as políticas de saúde e suas consequências para os cidadãos. Os protestos (aqui entendidos como ativismo) muitas vezes refletem a intensa dor coletiva e o descontentamento com as respostas institucionais à pandemia, bem como a busca por justiça e responsabilidade. O acirramento dos conflitos sociais se expandiu com o debate sobre a permanência das homenagens na Praça de Maio, proposto pela legislação (Lei Nº1.227), e a controvérsia em torno de sua realocação para o Parque Florentino Ameghino, refletindo a tensão entre governança, comunidades e grupos políticos.

Portanto, os monumentos podem mobilizar os públicos para a contestação e em último caso, para o ativismo violento, além de promover segregação social, discriminação e perpetuação de narrativas históricas. Em geral, seus elementos são disseminados em ações políticas, criando simultaneamente significados diversos (Rowntree & Conkey, 1980, p. 460), além de evocar sentidos de passado, ou mesmo referenciais de memória e de esquecimento (Glassberg, 2001, p. 6; Nora, 1993). Os monumentos não são estruturas isoladas no contexto urbano, mas parte de estruturas de sentir, pensar e performar em público e para o público, com o fim de superar barreiras psicológicas, temporais e espaciais. Neste sentido, a *Memorial Mania* (Doss, 2011, p. 27), aglutina o desejo obsessivo de dar sentido a existência, lembrar, comemorar e materializar nossa relação com pessoas e eventos do passado. Essas emoções petrificadas emolduram a impossibilidade de reconciliação plena com o objeto do desejo, pois o lembrar e o monumentalizar são incapazes de abarcar a totalidade da experiência humana.

Os memoriais são úteis para compreendermos como diferentes sociedades lidam com as questões sensíveis, refletindo influências mútuas e adaptações culturais. Sejam os memoriais temporários, vernaculares, santuários espontâneos ou memoriais performáticos, eles têm a capacidade de evidenciar como as práticas relacionadas ao luto e à comemoração se disseminam e são reinterpretadas em diversos contextos culturais, memoriais, históricos e identitários. Através das interações transnacionais e dos fluxos culturais e políticos, por exemplo, podemos compreender parte das dinâmicas que levam à criação e interpretação de monumentos e memoriais, bem como as implicações sociais, políticas e emotivas associadas a eles.

3 HOMENAGENS E LUTO PÚBLICO

Na Argentina, com o início das medidas de isolamento em março de 2020 para conter um vírus ainda desconhecido, os profissionais da saúde foram classificados como “essenciais”. As autoridades promoveram campanhas de prevenção com slogans como “Fique em casa” e “Fique no seu bairro”, que tiveram resultados desiguais. Nos primeiros meses, houve reconhecimento por parte de pacientes e familiares da importância do trabalho desses profissionais, tanto pela assistência quanto pela mediação da comunicação dentro do sistema de saúde e com os familiares.

Entre 2020 e 2021, os meios de comunicação reconheceram e celebraram o trabalho dos profissionais da saúde. Em abril de 2020, pouco após a declaração de Emergência Nacional e do Isolamento Social, homenagens foram feitas aos que perderam a vida. Discursos sobre a pandemia frequentemente compararam a crise epidêmica a uma guerra, retratando as equipes de enfermagem como combatentes na “linha de frente” e nas “trincheiras” contra o vírus. Essas metáforas bélicas, centradas em valores de coragem e sacrifício, apresentaram os profissionais como heróis. Eduardo, chefe de enfermagem em Mendoza, reforça: “Estamos em guerra. Na linha de frente estamos nós, os enfermeiros, que recebemos os pacientes, tomamos os sinais vitais e fazemos todas as perguntas do caso” (La Nación, 2020).

O reconhecimento ao trabalho “essencial” dessas equipes de saúde se manifestou em gestos como aplausos às 21 horas nas sacadas de vários prédios, apresentações de bandas militares nos hospitais e a entrega de presentes por associações. Cartas abertas e notas de opinião nas redes sociais e na imprensa também foram usadas para conscientizar sobre o trabalho sanitário e reivindicar cuidados (Ramacciotti: 2023, 29). Laura Cortés, médica em Buenos Aires, expressou-se de forma contundente em uma carta publicada em abril de 2020: “Não preciso, não quero mais aplausos, eles me irritam”. Ela destacou a necessidade de respeito e fornecimento de equipamentos adequados para o trabalho seguro dos profissionais de saúde.

Com o aumento dos contágios, as demonstrações de gratidão ao pessoal de saúde diminuíram, pois eles passaram a ser vistos como potenciais transmissores do vírus, especialmente os profissionais de enfermagem. Manifestações de discriminação incluíram casos em que lhes foi negado o acesso a ônibus. Além disso, as restrições no transporte público obrigaram muitos a recorrer a táxis, bicicletas ou veículos próprios, aumentando os custos e o tempo de deslocamento.

Nas campanhas de vacinação contra a Covid-19, os profissionais de saúde foram reconhecidos e, ao mesmo tempo, enfrentaram agressões e conflitos. A vacinação começou em dezembro de 2020 com as primeiras doses da Sputnik V, priorizando os profissionais de saúde e as forças de segurança. Com a chegada de vacinas de outros laboratórios (AstraZeneca, Pfizer, Moderna, CanSino e

Sinopharm), a partir de maio de 2021, o ritmo de vacinação foi acelerado, coincidindo com o aumento de casos e mortes. Para os enfermeiros, estar vacinados trouxe mais segurança no trabalho, reduzindo o impacto da infecção. Os profissionais de enfermagem desempenharam um papel crucial na imunização de áreas extensas e desiguais, a exemplo de imagens nas redes sociais de enfermeiras vacinando pessoas emocionadas. Yanina, enfermeira em Buenos Aires, narrou o caso de uma jovem que, após perder os pais para a Covid-19, estava em pânico e hesitante em vacinar-se. Com paciência e diálogo, Yanina conseguiu tranquilizá-la. Essa campanha, marcada por medos e desinformação, transformou-se em um evento político e social, onde emoções tiveram protagonismo, refletindo as dificuldades e o impacto profundo da pandemia (Ramacciotti y Gilligan, 2022).

A esperança trazida pela vacina foi acompanhada por conflitos políticos e sociais. Denúncias de privilégios, como o “Vacinatório VIP” no Ministério da Saúde, geraram críticas intensas e levaram à renúncia do ministro Ginés González García, em março de 2021. Esse escândalo, combinado com homenagens em murais, fotografias e soltura de balões, destacou as tensões na gestão da pandemia.² Em meio à campanha de vacinação e às críticas, o presidente Alberto Fernández apresentou, em 2021, um projeto de lei para a formação e desenvolvimento da enfermagem, destacando o papel central da categoria na pandemia: “Há duzentos enfermeiros que deram sua vida neste tempo [...] Só me resta meu reconhecimento” (Fernández, 2021). A lei, sancionada em abril de 2023, focou em capacitações e aumento de profissionais, mas deixou de abordar demandas históricas, como, por exemplo, o pluriemprego. O ato, embora simbólico, não foi percebido como uma reparação efetiva à dor dos familiares e trabalhadores do setor.

A divulgação de privilégios na campanha de vacinação, em março de 2021, gerou escândalos e críticas, agravados pela circulação de fotos da festa de aniversário da companheira de Alberto Fernández, em meados do mesmo ano, o que intensificou o descontentamento público. Em agosto, a Praça de Maio tornou-se palco da *Marcha das Pedras*, um evento em memória dos falecidos pela Covid-19 e um protesto contra o governo. Convocadas pelas redes sociais, as marchas homenageavam entes queridos que, devido às restrições sanitárias, não tiveram cerimônias fúnebres. Elementos religiosos e cartazes políticos contra Alberto Fernández coexistiram nessas manifestações, onde a equipe de saúde, especialmente enfermeiros, também foi lembrada. (Fig. 3 e 4).

² Ver as peças comunicacionais “La enfermera” de Fabricio Heider (2020), baseado no conto “El último caso” de Julio Nadeo (Revista Kilómetro Cero, 17/07/2021); Pandemia: gestionar lo desconocido, do Ministério da Saúde da Província de Buenos Aires; e “Coronavirus, los rostros de la ciencia”, produzido pelo TECTv, CONICET e Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação. Além disso, destacam-se os murais urbanos no polo sanitário de Córdoba.

Figura 4. Homenagens aos enfermeiros, Memorial Marcha das Pedras - Monumento ao General Manuel Belgrano. © Karina Ramacciotti, s.d.



Figura 5. Homenagens aos enfermeiros 2, Memorial Marcha das Pedras - Monumento ao General Manuel Belgrano. © Karina Ramacciotti, s.d.



4 MARCHA DAS PEDRAS, PATRIMÔNIO SENSÍVEL

A pesquisa *Memoriales Públicos Contemporâneos: Sentimientos Públicos de Duelo a Partir del Covid-19 en Plaza de Mayo* (2023) procurou compreender a contestação a esse movimento através de práticas de natureza emotiva, cultural e político-performática.³ O estudo abrangeu turistas da

³ Neste trabalho, não analisaremos esses dados. A pesquisa foi realizada durante uma licença sabática em Buenos Aires, no segundo semestre de 2023, como resultado do Convênio de Cooperação Científica firmado entre a Universidade

América Latina, incluindo brasileiros e argentinos. As entrevistas revelam o despertar de reflexões sobre o luto e a memória, além de novos comportamentos em espaços públicos. Para isso, partimos de duas frentes colaborativas. Nas interações diretas os participantes eram informados sobre o contexto histórico, político e cultural do monumento e eram incentivados a compartilhar espontaneamente suas próprias experiências sobre o tema. Os pequenos vídeos que resultaram destes encontros informais e não programados foram postados nas redes sociais (Instagram e YouTube). As interações indiretas foram viabilizadas através de adesivos com QR Codes aplicados na proteção de vidro do monumento. Através deste recurso, os expectadores se deparavam com um vídeo explicativo em espanhol que incentivava os visitantes a enviar textos, áudios ou vídeos.

Figura 6. Instagram, montagem: @michelkobelinski. Pesquisa de campo Memoriales Públicos Contemporáneos: Sentimientos Públicos de Duelo a Partir del Covid-19 en Plaza de Mayo, 2023.



As entrevistas públicas consideram o Memorial *Marcha das Pedras* como monumento sensível (Santhiago, 2021), isto é, como espaço ou local de memória associado a eventos de dor, sofrimento, segregação, violência ou morte, que carrega significado histórico e social, geralmente ligado à preservação da memória coletiva e à reparação de injustiças históricas (Carvalho, Meneguello, 2020). Neste sentido, esse “lugar de memória” (Nora, 1993) emergiu como exemplo de enlutamento coletivo, memória ativa e contestação política. Portanto, não se descarta seu papel educativo e contestado, uma vez que esse dispositivo monumental envolve direitos humanos, embora também enfrente tensões éticas relacionadas à sua interpretação, visitação e salvaguarda.

Estadual do Paraná (UNESPAR) e a Universidad Nacional de Quilmes (UNQ). O objetivo foi estabelecer pesquisas em rede e promover aproximações entre os programas de Pós-Graduação em História Pública no Brasil e na Argentina (Kobelinski, 2023).

Os brasileiros entrevistados destacam como o monumento *Marcha das Pedras* não apenas transcende fronteiras nacionais, mas também exige práticas historiográficas voltadas para a ressignificação do luto e diálogos interculturais. Esses relatos, provenientes de diferentes regiões do Brasil, refletem a complexidade emocional, política e cultural que envolvem a existência humana.

Zilanda, enfermeira de Belo Horizonte – MG, que perdeu uma irmã na pandemia sem realizar os rituais de despedida, vê no monumento *Marcha das Pedras*, um espaço de luto coletivo. Ele homenageia as vítimas da Covid-19, mas abre brechas para lembrar das barreiras culturais e dos problemas relacionados à exclusão, os quais podem esmaecer algumas homenagens: “São tantas pessoas que morreram, talvez sem terem um monumento, mas que encontram aqui uma forma de expressar esse luto, como as vítimas de feminicídio, cujas pedras também estão sendo colocadas aqui, ouvi dizer”.

Mirian, enfermeira e colega de Zilanda, que atuou na linha de frente da pandemia no Brasil e perdeu seis familiares, expressa sua gratidão pelo compartilhamento do luto. Ela também ressalta o papel essencial dos profissionais de saúde e a importância de reconhecer os esforços humanitários [Argentina e Brasil] durante a crise sanitária: “Então, meu sentimento é de gratidão por entender que é possível expressar esse luto coletivamente. Eu sou enfermeira, perdi seis parentes e vi muitos amigos perderem a vida pelo Covid. Enquanto vocês estavam em casa, estávamos na luta contra esse vírus”.

Glauber, profissional de saúde, identifica o monumento como uma manifestação política que causa impacto e promove reflexão. Ele observa que cada pedra representa uma vida interrompida, levando os visitantes a confrontar a realidade das perdas humanas. E, de fato, a narrativa enfatiza que tais monumentos têm o poder de gerar desconforto não apenas nos transeuntes, mas também nas autoridades, ao reconfigurar espaços públicos com novos significados atribuídos pela sociedade civil:

Eu acho interessante esse tipo de monumento, primeiro porque ele chama a atenção, ele causa impacto. E ele me causa estranheza e, ao mesmo tempo, reflexão. Porque assim que eu vi de longe as pedras, eu fiquei tentando entender o que era. E assim que eu aproximei, eu consegui entender, vi pelas datas. E, como eu sou da área de saúde, nós entendemos que tinha alguma coisa a ver com a pandemia. Então, esse tipo de monumento é importante. Ele existe no espaço público porque é uma forma que as pessoas têm de manifestar a sua dor, o seu sofrimento. Ao mesmo tempo, que eu vejo cada uma dessas pedras, eu entendo que por trás delas existem pessoas, existem histórias e existem vidas que foram ceifadas.

Bárbara, de São Paulo-SP, destaca a materialidade do monumento e sua capacidade de simbolizar tanto a ausência quanto a presença daqueles que partiram. Ela observa a coexistência de homenagens às vítimas da pandemia com intervenções urbanas voltadas para a memória de pessoas

desaparecidas, como o caso de Tehuel de la Torre.⁴ Essa sobreposição de memórias evidencia a complexidade dos espaços públicos como locais de disputa simbólica e a importância de se manter vivo e debater sobre questões sociais urgentes: “Cada rocha, cada peça, representa uma vida, uma pessoa que existiu. Manter isso em um espaço tão central e significativo é algo que salta aos olhos, porque reflete não apenas o que foi, mas também o que continua sendo para aqueles que ficaram: a ausência, a peça que falta na vida das pessoas.”

Lázaro (Santo André-SP), por sua vez, reconhece a legitimidade do monumento como forma de protesto memorial, mas questiona a permanência das pedras em um espaço público destinado ao lazer. Ele sugere a criação de um local específico para homenagear as vítimas, de modo que a mensagem não se perca, mas também não interfira na vivência cotidiana do espaço. Sua posição reflete o dilema entre a necessidade de lembrar e a gestão dos espaços públicos.

Estou impressionado ao ver a quantidade de pedras aqui, o que chamou muito a minha atenção, pois estão transmitindo uma mensagem. Tenho alguma dificuldade para entender por que elas deveriam permanecer aqui, já que este é um espaço bonito, público, de lazer, onde devemos viver momentos de alegria e tristeza, mas não ficar presos apenas a certas situações. Acho que, quando as pedras foram colocadas aqui, foi perfeito, tudo bem, mas talvez pudesse ser criado um espaço que relembresse isso para não cair no esquecimento; elas poderiam ser retiradas daqui e levadas para um local mais adequado, mas que não caíssem no esquecimento da população.

Entre os argentinos, Bruno, de Pilar, expressa a necessidade de consciência coletiva sobre a magnitude das perdas causadas pela pandemia. Não há dúvidas de que o monumento deva estar em um espaço público para que todos vejam e reflitam sobre o que aconteceu e que algo semelhante não volte a ocorrer. Sua perspectiva reflete a universalidade do luto e a importância de espaços que permitam a conscientização coletiva: “temos que ter consciência de toda a gente que morreu, devemos ver por que devemos saber o aconteceu. É muito triste perder um ente querido, espero que isso não volte a acontecer nunca mais, pois foi algo que separou o mundo.”

Antonela, de Buenos Aires, vê o monumento como uma forma de lembrar os impactos de uma crise mundial. Ela ressalta a localização estratégica em frente à Casa Rosada, indicando que o memorial serve como uma mensagem direta ao governo sobre as vidas perdidas durante o mandato anterior. Antonela contra-argumenta a realocação das pedras, pois a *Praça de Maio* é o lugar onde elas podem permanecer mais expostas e visíveis para todos: “Eu gosto da ideia; acredito que é uma

⁴ Tehuel de la Torre, transgênero argentino de 21 anos, desapareceu em 11 de março de 2021 após sair para uma entrevista de trabalho em San Vicente, Buenos Aires. Suspeita-se de crime violento, pois seus pertences foram localizados e dois suspeitos forma presos. Seu corpo foi localizado em outubro de 2023. O caso destaca a violência contra pessoas transgênero e a busca contínua por justiça (Pagina 12, 2024).

forma de lembrar o impacto que uma crise sanitária mundial causou. Não se trata apenas da dor das famílias e das pessoas afetadas individualmente, mas também de mostrar ao mundo o que aconteceu durante esse período crítico.”

Maria, professora de história em Salta, reflete sobre o medo da morte, a presença do monumento às vítimas da Covid-19 na *Praça de Maio*, em frente à Casa de Governo, o impacto global da pandemia e os desafios iniciais enfrentados por governos e cientistas. Ela questiona a localização do memorial, um espaço histórico frequentemente utilizado para manifestações que podem danificar o *Memorial Marcha das Pedras*. Neste argumento, identificam-se os dilemas entre a historicidade da praça e o ativismo patrimonial. Neste caso, como a *Praça de Maio* é lugar de manifestações políticas, a entrevistada propôs a criação de outro local para a referida monumentalização, ressaltando as tensões entre a necessidade de preservar a memória e a conservação dos espaços históricos diante do ativismo patrimonial iconoclasta:

Nos chamou a atenção ver as pedras gravadas, pois em Salta estamos cercados por esse material, que é muito comum para nós. Por isso, vê-las em outra cidade foi algo marcante. Ao nos aproximarmos, percebemos que estavam gravadas com nomes e, ao ler as informações, entendemos que eram vítimas da Covid-19. A pandemia foi terrível e afetou o mundo inteiro. Pessoalmente, perdi familiares para a Covid-19, inclusive meu pai, o que foi extremamente doloroso. No início, todos sentimos muito medo, pois não sabíamos do que se tratava ou como agir. Acredito que esta não será a última pandemia. Já enfrentamos outras, como a febre amarela e a poliomielite, que também causaram muitas mortes, especialmente de crianças. No entanto, com o desenvolvimento de vacinas, conseguimos superá-las. Com o mundo cada vez mais globalizado e conectado, acredito que agora temos mais experiência e recursos para lidar com futuras crises. Com o aprendizado dessa pandemia, acredito que estaremos mais preparados para enfrentar situações semelhantes no futuro.

Nessa mesma direção, Marcelo, de Buenos Aires, apoia a presença do monumento na *Praça de Maio*, afirmando que as pessoas têm o direito de se manifestar da maneira que consideram apropriada e o respeito do governo em proteger o espaço, apesar dos atos de vandalismo. Trata-se de uma forma legítima de expressão pública de dor e memória coletiva, apesar de existirem visões contrárias: “Acredito que as pessoas têm todo o direito de se manifestar; transformar isso em um espaço público me parece uma ideia excelente. Fico feliz que o governo tenha respeitado esse espaço, protegendo-o com vidro e mantendo-o preservado.”

É preciso esclarecer que na celebração do Dia da Lealdade (17/10/2021), manifestantes pisotearam e removeram pedras e fotos que compunham o memorial às vítimas da Covid-19, gerando indignação e repúdio, especialmente nas redes sociais, marcados pela hashtag #Miserables e #DevuelvanLasPiedras. Políticos como Horacio Rodríguez Larreta e Mario Negri, além de jornalistas e escritores, expressaram revolta pelo desrespeito à memória das vítimas e ao sofrimento de seus

familiares. As ações de celebração e vandalismo evidenciaram polarizações políticas, especialmente no contexto das celebrações promovidas pelo governo peronista (Infobae, 2021).

Essa interseção entre experiências locais e um sofrimento universal reflete conexões heterotópicas, conforme conceituadas por Foucault (2009), ao demonstrar como espaços simbólicos podem articular memórias públicas em múltiplos níveis e contextos. Essas narrativas nos remetem ao conceito de “mania de memória”, ressaltando o desejo contemporâneo de materializar e ressignificar eventos traumáticos através da monumentalização. Considerando os casos descritos, esse processo busca integrar experiências locais e globais, conectando diferentes temporalidades e regiões a uma crise sem precedentes na história (Doss, 2011; Douki, Minard, 2024).⁵

5 O ISOLAMENTO NOS BAIROS VILLA ITATÍ E VILA AZUL⁶

O Isolamento Social, Preventivo e Obrigatório (ISPO) foi mantido de forma mais rigorosa e por mais tempo na Cidade Autônoma de Buenos Aires e na região metropolitana da Província de Buenos Aires, devido à persistência de altas taxas de casos confirmados por habitante, especialmente até novembro de 2020. Nos bairros Villa Azul e Villa Itatí, respectivamente localizados nos bairros de Quilmes e Avellaneda, os primeiros registros de coronavírus surgiram na semana de 20 de maio de 2020. Em resposta, as autoridades de diferentes níveis implementaram isolamentos comunitários para conter a disseminação do vírus. Na Cidade de Buenos Aires, o acesso a bairros populares ocorreu no final de abril, enquanto, na área metropolitana, a circulação do vírus demorou mais para atingir regiões periféricas.

As características sociodemográficas das populações dos bairros e Azul e Itatí se destacam pelas condições materiais de vida, como infraestrutura inadequada e desigualdades laborais. No primeiro caso, 75% das moradias utilizam fossas negras ou poços para esgoto, mais de 60% não possuem vaso sanitário com descarga e 95% carecem de gás canalizado. As conexões de luz e água são irregulares, e cerca de 20% das residências não têm água potável, obrigando as famílias a recorrerem a torneiras públicas. Essas condições inviabilizaram medidas básicas de autocuidado durante a pandemia, como lavar as mãos regularmente, evidenciando a profunda desigualdade nas condições de vida e infraestrutura urbana dessas comunidades. Quanto à situação laboral, 73% dos homens possuem trabalho remunerado, enquanto apenas 31% das mulheres em bairros populares estão

⁵ Douki, Minard (2024) entendem que a a história conectada supera compartimentalizações e revela conexões que ajudam a compreender contextos locais e suas interações outras escalas: “Connected history has a different goal: to tear down the compartmentalization between national histories and ‘cultural areas’ in order to shed light on modes of interaction between the local and regional level on the one hand and a supra-regional level that can sometimes be global on the other hand”.

⁶ Esta seção aborda aspectos do artigo de Karina Ramacciotti, Gabriela Nelba Guerrero e Cllara Gilligan “El aislamiento comunitario en Vila Itatí y Villa Azul”; ver Ramacciotti et al (2023, p 205-220).

empregadas. Destas, somente 10% têm trabalho registrado, em contraste com 24% dos homens. Paradoxalmente, 64% dos lares nesses bairros são chefiados por mulheres (Observatório de Gênero e Políticas Públicas, 2020).

Com a implementação do ISPO, 42,6% dos lares enfrentaram dificuldades laborais, como perda de emprego e piora nas condições contratuais. Os rendimentos caíram 49,3% em 2020, sendo a redução mais severa entre famílias com menor nível de instrução (57,1%) (INDEC, 2020). Dada a precariedade já existente nos bairros Villa Itatí e Villa Azul, é provável que a perda de rendimentos tenha superado a média nacional. Nessas condições, a diretriz do ASPO, #fiqueemcasa, tornou-se difícil de seguir. Estudos na região metropolitana (Norte) mostram que, devido à precariedade habitacional e ao acesso limitado a serviços como água potável, o isolamento social era inviável dentro dos lares. A rua, vista como extensão da casa, tornava-se essencial para a sociabilidade, especialmente de crianças e adolescentes, limitando o alcance das medidas sanitárias (Maceira et al., 2020).

Em abril de 2020, o Ministério de Desenvolvimento Social, em parceria com movimentos sociais, lançou o programa “O Bairro Cuida do Bairro”, adaptando a consigna #fiqueemcasa para #fiqueemseubairro. A estratégia visava adequar o isolamento a áreas sem infraestrutura doméstica suficiente, ampliando a circulação para o espaço comunitário. Promotoras e enfermeiras passaram a percorrer os bairros, acompanhando grupos de risco, disseminando medidas preventivas e distribuindo itens de segurança e higiene. Essas ações foram realizadas em coordenação com refeitórios, merendeiros e centros comunitários, garantindo o abastecimento de alimentos (Amaya Guerrero e Guerrero, 2021).

No final de maio de 2020, os primeiros casos de Covid-19 foram registrados no bairro Villa Azul, mais de dois meses após a detecção do primeiro caso na Cidade de Buenos Aires. Em poucos dias, mais de sete pessoas testaram positivo, levando as Secretarias de Saúde de Quilmes e Avellaneda, com apoio do Ministério da Saúde da Província, a realizar buscas ativas por casos suspeitos. O alto índice de positividade sugeria uma circulação mais ampla do vírus. Frente às condições precárias de vida e à impossibilidade de isolamento domiciliar, as autoridades adotaram uma estratégia de isolamento comunitário como resposta sanitária ao surto do Coronavírus.

O isolamento comunitário foi instituído após a confirmação dos primeiros casos. A primeira tarefa das equipes de saúde foi a busca ativa de pessoas sintomáticas. Segundo Juan (2021), médico entrevistado, a situação refletia a gravidade da pandemia:

Era ir de casa em casa e trazer uma pessoa. Em uma hora, tínhamos vinte pessoas para fazer o teste. A Prefeitura de Quilmes os transportava diretamente à Universidade Nacional de Quilmes (UNQ) para realizar o isolamento lá. A sensação frente à dimensão do número de casos era: Chegamos tarde. Dois dias depois, enquanto o operativo continuava com os testes, um nível superior interveio e decidiu o isolamento total do bairro.

Nesta etapa, também participaram as Forças de Segurança Provinciais e a Defesa Civil dos dois bairros. Para os moradores de Villa Azul, a situação foi se transformando dia após dia e foi vivida como uma emergência nunca enfrentada. Patricia (2021), uma enfermeira atuando ali, recorda de forma vívida, dois anos depois, o dia a dia dos acontecimentos:

Numa quinta-feira vieram ao bairro fazer um operativo Detectar e começaram a surgir casos.⁷ Eles perceberam que, de dez testes, oito eram positivos. Na sexta, voltaram, porque parece que não conseguiram cobrir toda a área. No sábado, quando voltei do trabalho, vi pessoas com os trajes (os macacões brancos, toucas). Pensei: ‘Ah, talvez ainda não tenham terminado de percorrer tudo’. O domingo foi o ápice. Cheguei em casa depois do trabalho, tomei café com minha mãe e fui dormir. Acordei às quatro da tarde, com helicópteros sobrevoando, caminhões-bomba, gente desinfetando, ambulâncias, sirenes, bombeiros. Era uma zona de guerra. Não havia outra forma de descrever. Foi muito impactante. Naquele dia, liguei para o trabalho e disse: ‘Não sei se vou conseguir sair daqui’. Consegui sair apresentando minha carteira profissional. Mas no dia seguinte, quando tudo já estava fechado, me fizeram assinar um documento dizendo que eu não poderia sair.

No bairro Villa Azul, apenas três acessos permaneceram abertos, todos sob vigilância das Forças de Segurança, onde roupas e calçados das pessoas autorizadas a circular por motivos de urgência eram desinfetados com amônio quaternário, e as mãos higienizadas com álcool a 70%, além da obrigatoriedade de apresentação de documento de identidade. Internamente, a circulação era permitida (Espósito et al., 2021), situação que durou de 25 de maio a 8 de junho de 2020. Durante e após esse período, foi mantido o programa Detectar, coordenado pelo Ministério da Saúde, para busca ativa de pessoas sintomáticas. As equipes, compostas por moradores, promotores de saúde e enfermeiros equipados com EPIs, realizavam os testes em unidades móveis de saúde, com resultados entregues em até 24 horas pelos médicos dos Centros de Atenção Primária à Saúde (CAPS) e laboratórios da rede Covid-19.

Pessoas com fatores de risco ou sintomas moderados eram encaminhadas para internação hospitalar, com traslados organizados pelo Sistema de Atendimento Médico de Emergência (SAME), que também fornecia medicamentos. A gestão dos leitos, distribuídos entre diferentes unidades hospitalares, exigiu coordenação entre os níveis municipal, provincial e nacional. Alguns pacientes

⁷ O Detectar (Dispositivo Estratégico de Teste para Coronavírus no Território Argentino) é uma estratégia de saúde promovida e financiada pelo Ministério da Saúde da Argentina. Lançado em 2020, seu objetivo foi buscar, testar e garantir atendimento a qualquer pessoa diagnosticada como caso suspeito e/ou confirmado de coronavírus. Para isso, foram desenvolvidas operações de busca ativa e testagem para populações de âmbito federal. (Ministerio de Salud, 2020).

foram encaminhados para hospitais provinciais, como o Dr. Isidoro Iriarte (Quilmes), o Dr. Eduardo Wilde (Avellaneda) e o Dr. Eduardo Oller de Solano (Quilmes), além de unidades em Almirante Brown, Berazategui e clínicas privadas para aqueles que tinham plano de saúde (Espósito et al., 2021). As pessoas que testavam positivo, mas não apresentavam sintomas ou fatores de risco, eram orientadas a se isolarem em casa. Para aquelas sem condições habitacionais adequadas, foram criados Centros de Isolamento Sanitário (CIS) extra-hospitalares, visando interromper a cadeia de contágio dentro das famílias e na comunidade. O principal CIS funcionou na Universidade Nacional de Quilmes, em salas adaptadas devido à suspensão das aulas presenciais, recebendo mais de 1000 pessoas ao longo de 2020. Outros centros foram instalados no Centro Recreativo da União de Operários e Empregados do Plástico e no Colégio San Jorge, ambos em Quilmes. Patrícia (2021) recorda que, na esquina de sua casa, no Centros de Atenção Primária à Saúde (CAPS) do bairro Villa Azul, “as pessoas esperavam com suas mochilas e bolsas para serem levadas ao centro de isolamento. Isso foi o mais impactante: ver uma ambulância atrás da outra passando”.

As visitas domiciliares incluíam orientações para que as pessoas evitassem sair do bairro e seguissem as recomendações sanitárias. As equipes compostas por profissionais de saúde, promotores e voluntários também identificavam necessidades sociais, distribuindo kits com alimentos, roupas, itens de higiene, medicamentos e cartões telefônicos, preparados no dia anterior. Julieta, enfermeira que atuou no bairro, relata os desafios desse trabalho: “A situação social, em plena pandemia, é muito desanimadora. Eles não podiam cumprir com as medidas de cuidado que nós mesmos estávamos informando... Se você diz que ‘a única maneira de não propagar o vírus é lavar as mãos’ e essa gente não tem água, então, como se faz?” (Julieta, 2021).

Maria (2021), promotora de saúde, descreve as dificuldades enfrentadas no fechamento do bairro: “As pessoas queriam sair para trabalhar; algumas viviam do que ganhavam no dia... reforçávamos a articulação com os CAPS e o Desenvolvimento Social para garantir o envio de mercadorias. O bairro foi fechado, mas nunca faltou comida. As pessoas puderam se resguardar, tranquilas por poder alimentar seus filhos”.

Esse cenário complexo durou cerca de 14 dias, período em que o número de pessoas sintomáticas começou a cair, embora três moradores internados durante o isolamento tenham falecido (Espósito et al., 2021). Após o término desse estágio, a presença das Forças de Segurança foi retirada, mas as ações de controle e testagem permaneceram ativas.

Julieta destaca a necessidade de ajustar as medidas às realidades locais, evidenciando o papel essencial dos agentes estatais na implementação prática das políticas públicas. Como aponta Sarrabayrouse (2011), o Estado não é apenas um conjunto de regulamentos; ele é “encarnado

efetivamente nas pessoas que o compõem” , que, com suas práticas diárias, atualizam e transformam essas políticas (Soprano, 2015: 17).

5.1 CONSEQUÊNCIAS DO ISOLAMENTO COMUNITÁRIO

Em 8 de junho de 2020, com menos casos confirmados e uma baixa taxa de positividade, as autoridades encerraram a fase de isolamento comunitário estrito, permitindo a circulação para fora do perímetro dos bairros, embora as equipes territoriais continuassem atuando. Faur e Pita (2020) analisaram o impacto da presença das Forças de Segurança durante o isolamento em bairros populares da Área Metropolitana de Buenos Aires, observando que “os policiais destacados nos bairros... fazem, em grande medida, o que sabem fazer: controlar, dar ordens, suspeitar; além de obrigar e/ou tentar impor autoridade”, o que gerou “mais temor do que tranquilidade”. Juan (2021), lembra que o cenário daqueles dias: “Ninguém entrava ou saía. Havia policiais, gendarmes, militares... A polícia estava constantemente presente. Foi o momento mais seguro do bairro. Havia um grande aparato, parecia quase um filme: todos com trajes de astronauta” A participação das Forças de Segurança durante o isolamento foi percebida de forma distinta. Para alguns, representou cuidado; para outros, foi sinônimo demais violência” (Faur e Pita, 2020). Assusa e Kessler (2020) apontam que a presença policial, embora garantisse o cumprimento do isolamento em alguns casos, também resultou em denúncias de abusos e violência institucional contra jovens de bairros populares. Essas percepções refletem desigualdades estruturais, e é provável que a visão de Juan sobre o período como “o momento mais seguro” diferisse das de outros moradores.

O isolamento comunitário no bairro Villa Azul foi eficaz na contenção do surto, com apenas 15% da população exposta ao vírus, enquanto em outros bairros populares esse índice chegou a 53% (Espósito et al., 2021). A letalidade também foi inferior à média nacional. Para Julieta (2021), enfermeira da região, o maior aprendizado foi adaptar-se às condições adversas: “A gente tem que fazer o possível com o que tem no momento”. Juan (2021) destacou que, mesmo após o operativo, a capacidade instalada no centro de saúde foi mantida, permitindo a continuidade dos testes: “Depois, eram duas ou três pessoas por dia, no máximo dez. Não voltou a ter números tão altos. Foi um trabalho bem feito”.

Os Centros de Isolamento Sanitário, como os da Universidade Nacional de Quilmes e do Colégio San Jorge, foram reutilizados para a campanha de vacinação iniciada em dezembro de 2020. Muitos profissionais envolvidos no isolamento foram contratados novamente, como Patrícia (2021), enfermeira do bairro Villa Azul, que passou a integrar as equipes de vacinação e realizar testes e

campanhas de conscientização. Apesar da precariedade dos contratos temporários, Patrícia valorizou as oportunidades e as capacitações oferecidas: “Sinto que estão me valorizando. É enriquecedor”.

A experiência territorial reforçou a atenção primária, estreitando os vínculos entre moradores e equipes de saúde. “A conexão com o bairro foi outra. Você conhece as pessoas, elas sabem seu nome”, disse Juan (2021) Julieta (2021) também observou o impacto positivo da proximidade com os moradores e o trabalho em equipe, onde promotores de saúde, já familiarizados com os bairros, facilitaram o contato com as famílias. Perelmiter e Arcidiácono (2021) destacam que a presença de líderes comunitários foi essencial para abrir as portas das casas, reduzindo o medo causado pela presença do pessoal protegido por EPIs.

As visitas domiciliares também registraram necessidades sociais e ampliaram a visão dos profissionais. Burijovich (2022) observa que o trabalho nesses territórios expôs os agentes a situações complexas, exigindo uma abordagem integral das comunidades e maior comunicação interdisciplinar. O manejo das emoções foi outro desafio: “As pessoas estavam agradecidas, mas também com medo, assim como nós. A presença da Força de Segurança [Gendarmeria] incomodava alguns, mas tentávamos ser pacientes e explicar por que era necessário” (Julieta, 2021).

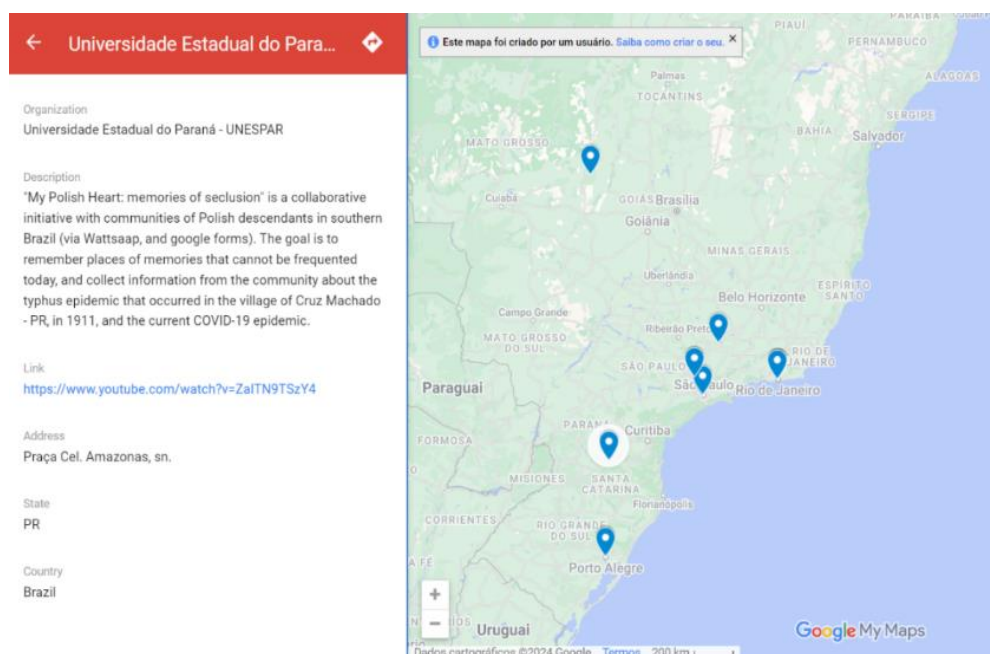
6 MEMÓRIAS DA RECLUSÃO (BRASIL)

A pandemia de Covid-19 desencadeou uma série de iniciativas voltadas para a documentação e preservação de experiências únicas e conectadas globalmente. A Federação Internacional de História Pública (IFPH) e a iniciativa *Made By Us* destacaram-se nesse contexto, mapeando projetos que buscavam coletar e arquivar relatos cotidianos, histórias pessoais, artefatos e memórias. O objetivo central dessas ações foi criar um acervo para as futuras gerações compreenderem a profundidade e a complexidade deste momento histórico sem precedentes (Cauvin, 2020). Figura 7 Nesse contexto, a pesquisa *Meu Coração Polonês: Memórias de Reclusão*, realizada com comunidades de descendentes de poloneses no Sul do Brasil através do WhatsApp e Google Forms, buscou visitar lugares de memória inacessíveis durante a pandemia de Covid-19 e coletar informações sobre a epidemia de tifo que afetou Cruz Machado (PR) em 1911, traçando paralelos com o cenário contemporâneo de crise sanitária.⁸

⁸ A pesquisa, realizada em abril de 2020, contou com 18 participantes, dos quais 11 eram do gênero feminino (61,1%) e 7 do gênero masculino (38,9%), com idades entre 11 e 57 anos, sendo a maioria com nível de escolaridade. Segundo Bielenin-Lenczowska e Niewiadomski (2021, p. 6928-6929), Meu coração polonês foi uma iniciativa vinculada ao Clube Literário Władysław Reymont, desenvolvida a partir de colaborações realizadas por meio do canal no YouTube História nos Espaços Públicos. Para mais detalhes, consulte as referências bibliográficas.

No evento on-line *O que pode a história pública na pandemia?* constatou-se a necessidade de documentar e compreender as múltiplas experiências humanas (Santhiago, Luchessi, Nicolazzi, Afanador-Llach, 2021). Anitta Lucchesi (2021), por exemplo, destacou que “a História Pública está sendo agora, talvez, mais comentada por conta da questão da pandemia, como uma forma de resposta dos historiadores”. Essa perspectiva é aprofundada pelo argumento de que as vivências humanas são plurais, tanto pelas desigualdades sociais quanto pelas variadas respostas apresentadas por diferentes grupos sociais.

Figura 7. Projeto Meu coração Polonês, 2020. No centro, o projeto desenvolvido no Estado do Paraná. Fonte: Cauvin, IFPH, 2020)



A história e a memória pública da comunidade de Cruz Machado são marcadas por crises sanitárias. Levando em conta a reclusão provocada pela pandemia pensamos no significado do Museu Etnográfico da Imigração Polonesa para os participantes da pesquisa.⁹ Entre as possíveis percepções, o museu, mais do que um simples acúmulo de objetos antigos e sem utilidade aparente, foi concebido como um artefato simbólico transcendente à sua materialidade, tornando-se um poderoso aglutinador de significados (Pomian, 1984).¹⁰ O museu é considerado um elo entre a curta, a média e a longa

⁹ O Museu Etnográfico da Imigração Polonesa, administrado pela Associação Polono-Brasileira Padre Daniel Niemiec, localizado no distrito de Santana, em Cruz Machado (PR), foi inaugurado em 1995 pela comunidade local com o objetivo de preservar a memória histórica dos imigrantes poloneses que se estabeleceram na região em 1911.

¹⁰ Pomian analisa a relação entre utilidade e significado nos objetos, explorando a oposição entre essas dimensões, a atribuição de valor e os conflitos que surgem de diferentes perspectivas. De todo modo, os objetos são concebidos como mediadores simbólicos; contudo, podem desempenhar múltiplas funções, especialmente quando vinculados às tecnologias digitais e aos novos significados culturais produzidos.

duração (acontecimentos, conjunturas e estruturas), fortalecendo os laços identitários e afetivos da comunidade ao longo do tempo, estabelecendo conexões entre o visível e o invisível através de narrativas compartilhadas. Convém lembrar que, embora os objetos musealizados possam despertar subjetividades nos visitantes, eles podem conduzir a outras interpretações:

Minha mãe é neta de imigrantes. Foi ótimo levar ela e minha filha ao museu, pois minha mãe 'traduziu' o museu para minha filha ainda criança. Foi maravilhoso. Como professor de História, foi ótimo levar meus alunos para pensarem como podem promover lugares de memória na cidade deles (Anônimo, 2020).

Note-se, no argumento desse participante da pesquisa, o papel intergeracional da aprendizagem em espaço público — temporariamente inacessível — como portador de significado cultural, que naquele contexto, adquiriu novas camadas interpretativas, transcendendo a experiência pessoal e profissional ao reforçar o sentimento de pertencimento e o compromisso com a preservação cultural.

Essa perspectiva reforça a ideia de que a memória pública é fundamental para a construção da identidade cultural e do sentimento de pertencimento. Segundo Maria José Afanador-Llach (2020), durante a pandemia, “os usuários deixam de ser consumidores passivos de informação e se transformam em produtores ativos de conteúdos” e, desse modo, os historiadores estão “lidando fontes primárias diferentes das quais estávamos acostumados”. Portanto, valorizar o legado cultural em um momento marcado pela ameaça à existência humana, reforça o papel essencial da História Pública na mediação de diálogos com as audiências, especialmente no contexto das humanidades digitais.

A pesquisa revelou que memória da epidemia de tifo em Cruz Machado, ocorrida em 1911, permanece viva nas narrativas dos participantes como momento trágico, de sofrimento e de violência estatal, a qual vitimou muitos brasileiros. A literatura local, produzida em coautoria, contempla o Cemitério do Rio do Banho como referência de luto: “A necessidade de enterrar com dignidade as vítimas da impiedosa febre tifoide, fez com que um terreno qualquer se transformasse no primeiro cemitério, [...] uma relíquia, pois abriga os restos mortais dos primeiros habitantes de Cruz Machado” (Otto et al. , 2019, p. 64).

As estimativas do número de mortos durante aquela epidemia variam entre centenas e até dois mil mortos, refletindo tanto as divergências entre fontes históricas quanto a persistência das memórias orais fantasiosas (Iarochinski, 2011). A figura mítica do farmacêutico Antiocho Pereira emergiu na memória pública pela capacidade de abnegação e sacrifício pessoal:

Quando chegaram ao Brasil, os imigrantes se instalaram de forma precária, sem infraestrutura, sem higiene e medicação. A tifo foi a doença que acometeu os imigrantes aqui no Brasil. Ela matou muitos poloneses e a tragédia só não foi maior graças ao médico Antiocho Pereira que se sacrificou para ajudar essa população (Anônimo, 2020).

A encenação histórico-cinematográfica em *O Herói de Cruz Machado* (2011) retrata como pano de fundo, uma história pública produzida pela própria comunidade de descendência polonesa. Segundo Iarochinski (1999), o farmacêutico Antiocho Pereira” formado na faculdade de medicina do Rio de Janeiro atendeu a comunidade, no entanto, essa atuação só ocorreu em 1918. O enredo ficcional, embasado na epidemia de tifo do início do século XX, foi lembrado pelos participantes. Eles reconheceram a iniciativa como fundamental para preservar e divulgar a história local, despertando o interesse pela cultura polonesa e pela história regional: “Trata-se de uma iniciativa importante, um registro das memórias do lugar, do sofrimento vivido pelos imigrantes diante das adversidades na chegada e com o tifo” (Anônimo, 2020). Contudo, algumas críticas foram direcionadas a possíveis imprecisões históricas ou distorções na narrativa, destacando a importância de distinguir ficção e realidade. Essa preocupação reflete a discussão sobre a responsabilidade dos historiadores em combater a desinformação e promover a alfabetização histórica em um contexto marcado pela abundância de dados e pela circulação de fatos não verificados, frequentemente disseminados pelas audiências. Nesse cenário, os historiadores enfrentam o desafio de construir interpretações históricas rigorosas (Afanador-Llach, 2020). A narrativa do herói construída em torno de Antiocho Pereira transcende a homenagem histórica e assume um papel crítico e reflexivo sobre questões sociais, culturais e cinematográficas.

6.1 PARALELOS ENTRE PASSADO E PRESENTE

A preservação de narrativas, durante e após a pandemia, envolve discussões globais sobre o papel do historiador em contextos marcados por traumas coletivos (Abrams, 2010). Considerando o Brasil, Nicolazzi (2020) levanta questões sobre quais memórias seriam destacadas no futuro e como os historiadores poderiam contribuir para que histórias e memórias, apesar de serem dolorosas, não seriam esquecidas: “Talvez uma sugestão possível para isso seja pensar as memórias das vítimas... [...] Estamos nos tornando documentalistas do contemporâneo? Será essa a nossa contribuição para a posteridade? Somos aqueles que devem registrar o acontecimento no calor do acontecimento?” (Nicolazzi, 2020).

Na escala local, mas com vínculos com antropologia polonesa, a análise de Bielenin-Lenczowska e Niewiadomski (2021) destaca os desafios persistentes e as novas possibilidades na preservação da cultura e da língua polonesa no Sul do Brasil, especialmente durante crises sanitárias

que impactam profundamente as práticas sociais, linguísticas e culturais: “Estima-se que aproximadamente dez imigrantes, diariamente, eram vítimas fatais dessa terrível doença, a maior tragédia registrada na diáspora polonesa no território brasileiro (Bielenin-Lenczowska e Niewiadomski: 2021, p. 6922). Neste caso, a partir da comparação entre o surto de tifo (1911) e a pandemia de Covid-19 (2019-2023) traçaram-se paralelos que iluminam tanto a resiliência das comunidades quanto as limitações impostas pelo contexto histórico e social.

Nesta abordagem, essas crises sanitárias expõem vulnerabilidades estruturais que afetam profundamente as comunidades de descendência polonesa, destacando tanto a precariedade das condições sociais quanto os desafios à preservação cultural. No caso do tifo, as condições insalubres e a superlotação enfrentadas pelos imigrantes poloneses em Cruz Machado facilitaram a propagação da doença, enquanto a pandemia de Covid-19, apesar de avanços científicos, trouxe desafios semelhantes, como o isolamento social e a disseminação de desinformação. Ambas as crises impactaram práticas culturais e linguísticas, limitando a transmissão da língua de herança em contextos familiares e comunitários. No entanto, a pandemia também revelou novas possibilidades através da tecnologia digital, permitindo a revitalização cultural através de eventos online e iniciativas inovadoras. Apesar disso, a língua de herança continua a enfrentar barreiras significativas devido à falta de reconhecimento institucional e ao predomínio do português nas interações diárias, evidenciando a necessidade de estratégias híbridas para equilibrar a preservação cultural com os desafios contemporâneos.

A valorização dessas produções culturais reflete o forte senso de identidade coletiva e a relevância de narrativas construídas a partir dos sentidos de existência em momentos de reclusão ou confinamento, bem como o desejo de liberdade e superação das adversidades. Neste sentido, a História Pública desempenha um papel crucial na documentação ativa do momento presente, atuando como mediadora entre as experiências individuais e a construção de uma memória coletiva que abrange múltiplas vozes e perspectivas, muitas vezes emolduradas pelo sentimento de luto de entes queridos. Nesse momento, o historiador, não necessariamente precisa ir ao arquivo, pois ele pode constituir “o seu próprio arquivo da pandemia”. Neste caso, as perspectivas antagônicas se perpetuavam: “há o lado positivo de que as pessoas têm acesso mais facilitado à informação... mas como essa grande quantidade de informação está também trabalhando e favorecendo discursos que não são tão positivos” (Lucchesi, 2020). E, de fato, a incorporação de tecnologias digitais e metodologias colaborativas ampliou o alcance dessas iniciativas, apesar das desigualdades de acesso e às brechas digitais, as quais promoveram forma de exclusão.

7 CONCLUSÕES

A pandemia de Covid-19 revelou-se um evento catastrófico que afetou profundamente as formas como as sociedades experimentam o luto, a memória e o engajamento social. Neste capítulo, examinamos como diferentes comunidades na Argentina e no Brasil responderam a esses desafios, utilizando práticas memoriais e ações coletivas para expressar sua dor, reivindicar direitos e questionar medidas governamentais em um cenário de crise global.

A *Marcha das Pedras* surgiu como um símbolo poderoso de luto compartilhado e protesto político, convertendo espaços públicos em locais de memória ativa e patrimonialização sensível. Os depoimentos coletados evidenciam a capacidade dos memoriais de ultrapassar fronteiras nacionais e promover diálogos interculturais, sublinhando a importância de abordagens históricas que redefinem o luto e incentivem a justiça social.

Nas comunidades de Villa Azul e Villa Itatí, a pandemia evidenciou desigualdades profundas que dificultaram a implementação de medidas básicas de saúde. A colaboração entre moradores locais e profissionais de saúde mostrou os desafios de adaptar recomendações sanitárias a contextos específicos e revelou percepções contrastantes sobre a presença das forças de segurança, vistas por alguns como proteção e por outros como coerção estatal. Essa experiência destaca a necessidade urgente de políticas públicas que levem em conta as particularidades comunitárias e regionais.

No sul do Brasil, a pesquisa *Meu Coração Polonês* mostrou como as memórias da epidemia de tifo de 1911 ainda ressoam nas narrativas locais, estabelecendo paralelos com a situação atual. Essas histórias enfatizam o impacto desigual das crises de saúde em grupos vulneráveis e a importância de manter laços históricos, sociais e culturais para fortalecer a resiliência comunitária.

Os exemplos analisados demonstram a complexidade das interações entre conhecimentos, práticas de memória e ativismo, mostrando como experiências locais estão ligadas a movimentos globais. Memoriais públicos e novas maneiras de vivenciar o luto emergem como expressões significativas de resistência e mudança social, simbolizando tanto a ausência quanto a presença dos entes queridos em diversas dimensões.

Ao utilizar abordagens da história pública, história oral e perspectivas interconectadas, aprofundamos a compreensão das múltiplas respostas humanas à pandemia. Essas metodologias permitiram não apenas registrar parte dos efeitos da crise, mas também reinterpretar o luto e a memória como ferramentas de solidariedade e participação cidadã. Em última análise, as experiências destacadas evidenciam a capacidade das comunidades de transformar a dor em ação coletiva, reforçando a importância de práticas memoriais que promovam reflexão, inclusão e equidade em tempos desafiadores. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) a pandemia do Covid-

19 se alastrou em dezembro de 2019 e, em maio de 2023, foi declarada que não era mais uma emergência de saúde pública.

REFERÊNCIAS

AGULHON, M. *Histoire vagabonde*. Ethnologie dans la France Contemporaine. Paris: Gallimard, 1994.

ASSUSA, Gonzalo; KESSLER, Gabriel. Reactivación de desigualdades y vulneración de derechos en tiempos de pandemia. In: BOHOLAVSKY, Juan Pablo (ed.). *COVID-19 y derechos humanos: la pandemia de la desigualdad*. Buenos Aires: Biblos, 2020.

BIELENIN-LENCZOWSKA, Karolina; NIEWIADOMSKI, Sônia Eliane. Língua polonesa no Brasil em tempos de pandemia: novas possibilidades e limitações. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 18, n. 4, p. 6920-6934, out./dez. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2021.e81088>. Acesso em: 13 nov. 2024.

CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, C. (Orgs.). *Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. 271 p. ISBN 9786586253276. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786586253696>. Acesso em: 18 nov. 2024

CAUVIN, Thomas. Mapping Public History Projects about Covid-19. *Ifph.hypotheses.org*, 24 abr. 2020. Disponível em: <https://ifph.hypotheses.org/3225> . Acesso em: 13 nov. 2024.

CÓRDOBA. Murales urbanos no polo sanitário. Disponível em: <https://x.com/MuniCba/status/1373728093454622720/photo/1>. Acesso em: 16 nov. 2024.

CORONAVIRUS: la dura carta de una médica a los políticos: “No quiero más aplausos”. *La Nación*, 22 abr. 2020. Atualizado em 10 set. 2022. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/sociedad/coronavirus-dura-carta-medica-politicos-no-quiero-nid2357158/>. Acesso em: 13 nov. 2024.

DHAR, Parul Pandya (Ed.). *Connected Histories of India and Southeast Asia: Icons, Narratives, Monuments - Celebrating Thirty Years of ASEAN-India Relations*. ASEAN-India Center (AIC), Research and Information System for Developing Countries (RIS), 2022.

DOSS, Erika. *The emotional Life of Contemporary Public Memorials: Towards A Theory of Temporary Memorials*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2008.

DOUKI, Caroline; MINARD, Philippe. *Global History, Connected Histories: A Shift of Historiographical Scale?*. *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, v. 54, n. 4, 2007. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-d-histoire-moderne-et-contemporaine> Acesso em: 17 nov. 2024.

El Heroísmo de los enfermeros, la primera línea en la lucha contra el coronavirus. *La Nación*, Sociedad, 5 abr. 2020. Atualizado em 9 set. 2022. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/sociedad/el-heroismo-de-los-enfermeros-la-primera-linea-en-la-lucha-contra-el-coronavirus-nid2347858> . Acesso em: 13 nov. 2024.

FAUR, Eleonor; PITA, María Victoria. Lógica policial o ética del cuidado: coronavirus, aislamiento y políticas de control. *Anfibia*, 2020. Disponível em: <https://www.revistaanfibia.com/logica-policial-etica-del-cuidado/> . Acesso em: 8 nov. 2022.

FERNÁNDEZ, Alberto. *Palabras del presidente de la Nación*, Alberto Fernández, en la presentación de un proyecto de ley para la formación y desarrollo de la enfermería, en el Museo de Casa Rosada. Casa Rosada - Presidência, 18 jun. 2021.

Disponível em: <https://www.casarosada.gob.ar/informacion/discursos/47865-palabras-del-presidente-de-la-nacion-alberto-fernandez-en-la-presentacion-de-un-proyecto-de-ley-para-la-formacion-y-desarrollo-de-la-enfermeria-en-el-museo-de-la-casa-rosada> . Acesso em: 13 nov. 2024.

ESPÓSITO, Melina; BUSTOS, Sabrina; CARDONETTI, Leandro; PUEYO ALVARADO, María José; LATORRE, Berenice; PARRILLA, Luis; KREPLAK, Nicolás; KONFINO, Jonathan. *Aislamiento comunitario como estrategia para la mitigación de un brote de COVID-19: el caso de Villa Azul*. Global Health Promotion, vol. 28, n.º 3, pp. 114-121, 2021

FOUCAULT, M. *Le corps utopique, les hétérotopies*. Fécamp (Fr.): Lignes, 2009.

GARCÍA DE GARCÍA, Diego Mariano. *Proyecto de Ley, Creación Del Monumento "La Marcha De Las Piedras"*. Legislatura de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Vamos Juntos, 13 set. 2021.

GLASSBERG, David. *Sense of History: The Place of the Past in American Life*. Amherst: University of Massachusetts Press, 2001.

HEIDER, Fabricio. La enfermera. 2020. Baseado no conto “El último caso” de Julio Nadeo. *Revista Kilómetro Cero*, 17 jul. 2021. Disponível em: <https://x.com/MuniCba/status/1373728093454622720/photo/1>. Acesso em: 10 nov. 2024.

IAROCHINSKI, Ulisses. *Saga dos Polacos: a Polônia e seus imigrantes no Brasil*. Curitiba: Ed. Dom Quixote, 2011.

INFOBAE. *Marcha de las Piedras: emotivos actos en Plaza de Mayo y en Olivos en memoria de los muertos por el COVID-19 en Argentina*. 2021. Disponível em: <https://www.infobae.com/sociedad/2021/08/16/marcha-de-las-piedras-emotivos-actos-en-plaza-de-mayo-y-en-olivos-en-memoria-de-los-muertos-por-el-Covid-19-en-argentina/>. Acesso em: 01 nov. 2024.

INFOBAE. *Vandalizaron el memorial que recuerda a los muertos por COVID-19 durante la marcha del Día de la Lealtad: manifestantes caminaron sobre las piedras y rompieron fotos de personas fallecidas*. Infobae, 17 out. 2021. Atualizado em: 18 out. 2021. Disponível em: <https://www.infobae.com>. Acesso em: 01 nov. 2024.

KOBELINSKI, Michel. *Meu coração polonês: memórias da reclusão! (My Polish heart: memories of seclusion!)*. Canal História nos Espaços Públicos. YouTube, 24 abr. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZaITN9TSzY4> . Acesso em: 16 nov. 2024.

LA NACION. *Marcha de las Piedras en Plaza de Mayo: “Si las sacan, volvemos con el triple”*. LA NACION, Política, 4 set. 2021. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/politica/comienza-la-segunda-marcha-de-las-piedras-en-plaza-de-mayo-bajo-la-consigna-reclamo-homenaje-y-nid04092021/> Acesso em: 21 nov. 2024.

LOWENTHAL, David. *The Past is a Foreign Country*. New York: Cambridge University Press, 1985.

MACEIRA DANIEL, OLAVIAGA, Sofia, IÑARRA, Valeria. *La reorganización de los servicios de salud: Experiencias provinciales en la gestión sanitaria de la pandemia del COVID-19 en la Argentina*. Buenos Aires: Fundar, 2021.

MINISTERIO DE SALUD. Detectar: Dispositivo Estratégico de Testeo para Coronavirus en Territorio de Argentina - Covid-19. Disponível em: https://apps.who.int/gb/COVID-19/pdf_files/04_06/Argentina.pdf . Acesso em: 18 nov. 2024.

MURILLO, Euge. ¿Qué sería hacer justicia por Tehuel? *Página/12*, Buenos Aires, 19 jul. 2024. Disponível em: URL do artigo. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/753186-que-seria-hacer-justicia-por-tehuel> Acesso em: 20 nov. 2024

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, n.10, p.7-28, dez.1993.

O HERÓI DE CRUZ MACHADO. *RPCTV*, Casos e Causos. Direção: Guto Pasko. Produção: GP7 Cinema. [S.l.]: YouTube, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VWgiAAVyIZk> . Acesso em: 13 nov. 2024.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à Covid-19. 5 maio 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente> . Acesso em: 16 nov. 2024.

OTTO, Helena Brzozowski et all. *Cruz Machado: pequena, gran ciudad*. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi*. V. 1 (Memória-História). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p. 51-86

RAMACCIOTTI, Karina. *Estudiar, cuidar y reclamar*. La enfermería argentina durante la pandemia de Covid-19. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial Biblos, 2023.

RAMACCIOTTI K., Gilligan C. La comunicación en el área de salud de Argentina en momentos de pandemia Covid-19. *Cuadernos Iberoamericanos*. 2022;10(2):104-120. (In Esp.) <https://doi.org/10.46272/2409-3416-2022-10-2-104-120> .

REUTERS COVID-19 TRACHER, 15 de julho de 2022. Ministério da Saúde, Argentina. Disponível em: <https://www.reuters.com/graphics/world-coronavirus-tracker-and-maps/pt/countries-and-territories/argentina/>

RIEGL, A. *O culto moderno aos monumentos: a sua história e a sua origem*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RON. Concurso Puertas intervenidas en cuarentena. Buenos Aires, 2020. Disponível em: <https://muralesbuenosaires.com.ar/2020/05/15/puerta-cuarenta-concurso-de-puertas-intervenidas-en-cuarentena/> . Acesso em: 16 nov. 2024.

SANTHIAGO, Ricardo; LUCHESSI, Anita; NICOLAZZI, Fernando; AFANADOR LLACH, Maria José. *O que pode a História Pública na Pandemia?* Webinar. [S.l.]: 26 jul. 2021. (Evento fechado)

SANTIAGO JR., Francisco das Chagas Fernandes. De São Paulo a Charlottesville: Derrubada e questionamento de monumentos como casos de iconoclastia política da história pública. In: Rogério Rosa Rodrigues; Viviane Trindade Borges. (Org.). *História pública e história do presente*. 1ed. Rio de Janeiro: Letra e Voz, 2021, v. 1, p. 122-144.

SANTHIAGO, Ricardo. Levantando a quarta parede: História oral e entrevistas públicas. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 47, p. e37272, 2021.

SARRABAYROUSE OLIVEIRA, María José. Estrategias Jurídicas y Procesos Políticos en el activismo de los derechos humanos: El caso de la Morgue Judicial. *Lex Humana*, v. 3, n. 1, Revista da Faculdade de Direito, Universidade Católica de Petrópolis (UCP), Brasil, 2011.

SOPRANO, Germán. El Estado en los extremos: contribuciones de la historiografía hispano-colonial y la antropología de la política al estudio del Estado en el siglo XX. *Estudios Sociales del Estado*, vo l. 1, n.º 1, pp. 5-25, 2015. Disponível em: <http://estudiossocialesdelestado.org/index.php/ese/article/view/18> . Acesso em: 25 maio 2023.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected Histories: Notes Towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. *Modern Asian Studies*, v. 31, n. 3, p. 735-762, 1997. Disponível em: <https://www.jstor.org>. Acesso em: 17 jan. 2016.

VOA NEWS. Popular Argentina Beach Becomes Site of Memorial to Coronavirus Victims. October 09, 2020 2:08. Disponível em: https://www.voanews.com/a/covid-19-pandemic_popular-argentina-beach-becomes-site-memorial-coronavirus-victims/6196924.html